

Boletim de Ocorrência

035



Um punhal no Senado

A série que revisita crimes marcantes lembra a morte do elegante político gaúcho que “governava o governo” na República Velha



Pinheiro Machado

Pinheiro Machado mandava no país.

Mandava tanto que era considerado o “Condestável da República”. Dele também diziam ser o “fazedor de presidentes”.

Com tamanho poder, não lhe era difícil angariar adeptos, promover acordos políticos, estender seu prestígio a todos os Estados.

Amado por muitos, também era odiado por outros tantos que o culpavam pelos males do país.

Tinha, por isso, medo de ser assassinado. Em julho de 1915, ele disse:

– É possível que durante a convulsão que nessa hora sacode a República em seus fundamentos, possamos submergir. (...) É possível mesmo que o braço assassino, impellido pela eloquência delirante das ruas, nos possa atingir”.

Era mesmo um tempo de convulsões e indisciplina, inclusive nos quartéis. Foram expulsos 256 sargentos, naquele ano.



A biografia do gaúcho José Gomes Pinheiro Machado é reveladora. Nasceu em Cruz Alta, em maio de 1851 e, aos 14 anos, fugiu da Escola Militar, para alistar-se e seguir rumo à Guerra do Paraguai, tendo participado de vários combates. Em 1879, concluiu o curso de Direito na Faculdade de São Paulo, estabeleceu-se como advogado e pequeno estancieiro.

Com a chegada da República, em 1889, elegeu-se senador e logo se tornou um dos pró-homens da política nacional. Já havia se destacado aqui, como líder republicano, partidário de Júlio de Castilhos e um dos fundadores do jornal A Federação.

Em 1905, escolhido vice-presidente do Senado, cabia-lhe o controle da decisiva Comissão de Verificação de Poderes, responsável pela definição de quais os eleitos teriam o direito de tomar posse.

Usou com mão de ferro esse instrumento poderoso, para impedir o acesso ao Parlamento de adversários políticos, e com isso angariou ainda maior número de inimigos.

A ascensão de Hermes da Fonseca à Presidência da República só fez aumentar o poder de Pinheiro Machado, de tal forma que passou a ser conhecido como “o homem que governa o governo”.

Mas isso causou-lhe dissabores, a começar pela articulação de seus adversários para impedi-lo de suceder o marechal na presidência, como pretendia.

Também cresceu o ódio popular.

Em julho de 1915, tentaram linchá-lo, quando deixava o Palácio Monroe. Foi en-

tão que respondeu ao motorista, sobre o que fazer diante da multidão, com uma frase que se tornou célebre:

– Nem tão devagar que pareça afronta, nem tão depressa que pareça medo.



Pinheiro Machado era admirado por estar sempre vestido com extrema elegância.

Na tarde do dia 8 de setembro de 1915, deixa o Senado na companhia de políticos da sua intimidade para encontrar o líder republicano paulista Rubião Júnior.

Entra no Hotel dos Estrangeiros vestindo fraque com cravo vermelho na lapela, calças escuras e colete, chapéu e bengala.

Francisco Manso de Paiva Coimbra, um homem do povo, também gaúcho, ferrenho adversário das ideias de Pinheiro Machado, sabe dessa visita. E fica à toa, na entrada do hotel.

Deixa-o passar.

E logo o apunhala pelas costas.

– Ah! Canalha! – diz Pinheiro Machado.

Os amigos, espantados, seguram o agressor.

– Apunhalaram-me... – é a última expressão do senador de ferro.

Manso de Paiva afirma que agiu por conta própria.

Encerra-se naquele entardecer carioca a história da ascensão e queda de um dos maiores políticos da história do Rio Grande e do país.



O corpo embalsamado de Pinheiro Machado é trazido para Porto Alegre. Chega 10 dias depois, na manhã de 18 de setembro, a bordo do navio Javary.

Milhares de pessoas se aglomeram nas ruas próximas ao Cais do Porto e acompanham o féretro até a Intendência Municipal, onde é celebrada missa e a população homenageia o político durante toda a noite.

Por volta das 10h do dia seguinte, um domingo, enorme cortejo acompanha o corpo até o Cemitério da Santa Casa.

No Rio de Janeiro, a polícia recolhe, da caixa de correspondência do assassino, dezenas de cartas de desconhecidos que aplaudem e festejam a atitude de Manso de Paiva.

E os admiradores de Pinheiro Machado lembram as palavras por ele ditadas ao jornalista João do Rio, dias antes:

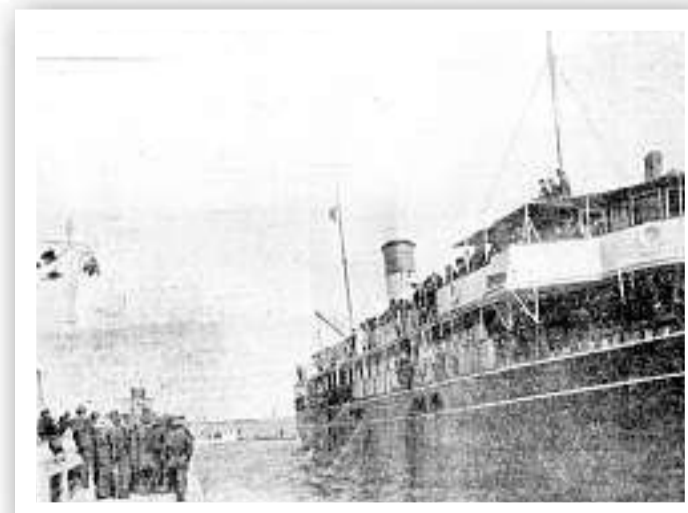
– Morro na luta. Matam-me pelas costas, são uns “pernas finas”. Pena que não seja no Senado, como César...



Populares se aglomeraram na Rua Sete de Setembro, no centro da Capital, durante o cortejo de Pinheiro Machado



Cobertura do assassinato do influente político teve grande repercussão na imprensa gaúcha à época



Corpo embalsamado do senador foi trazido a Porto Alegre a bordo do navio Javary, em viagem que levou 10 dias

O crime

Vítima:
José Gomes Pinheiro Machado

Época do crime:
Setembro de 1915

Cidade:
Rio de Janeiro

Principal suspeito:
Francisco Manso de Paiva Coimbra

Motivação:
Divergências políticas